

Editorial 138 -A Conta Externa Angolana: Dependência Petrolífera Persistente e Diversificação Adiada

Por: Agostinho Mateus

A análise dos fluxos comerciais angolanos nos três primeiros trimestres de 2025 revela uma economia ainda profundamente marcada pela dependência de hidrocarbonetos, não obstante alguns sinais tímidos de recomposição interna. Os dados divulgados pelo Banco Nacional de Angola expõem vulnerabilidades estruturais críticas que exigem respostas políticas urgentes, consistentes e coordenadas.

Exportações:

A estrutura exportadora mantém-se dramaticamente concentrada. O sector petrolífero - agregando petróleo bruto, gás natural e produtos refinados - representa 92,2% do total exportado, configurando um dos perfis exportadores mais dependentes de hidrocarbonetos a nível global. Dentro deste universo, o petróleo bruto sozinho responde por 80,1% das exportações totais, evidenciando uma monocultura exportadora de risco elevado.

O movimento mais relevante observado no período foi a redução da participação relativa do petróleo bruto, que perdeu quase seis pontos percentuais face ao acumulado de 2024, quando representava 86,0%. Contudo, esta alteração não traduz uma diversificação virtuosa da base exportadora, mas sim uma contracção absoluta preocupante: as exportações de crude caíram 23,1% em valor, reflectindo a conjugação adversa entre declínio produtivo estrutural e volatilidade dos preços internacionais.

Esta perda de receitas não foi compensada por expansão significativa de sectores alternativos. O que se observa é, essencialmente, uma recomposição interna ao próprio sector petrolífero, que não altera o padrão estrutural de dependência.

Gás Natural

O desempenho do gás natural constitui o principal elemento positivo no panorama exportador. O produto consolidou-se como segunda maior exportação angolana, aumentando o seu peso de 6,6% para 10,5% do total, um ganho de 3,89 pontos percentuais, sustentado por crescimento absoluto de 31,1% em valor. Este movimento reflecte a expansão da capacidade de liquefação e exportação, bem como o aproveitamento crescente do gás associado à produção petrolífera.

Todavia, a desaceleração trimestral desta tendência - evidenciada por um ganho homólogo de apenas 0,34 pontos percentuais no terceiro trimestre - sugere limitações à expansão acelerada deste segmento, seja por estrangulamentos de infraestrutura, seja por condições menos favoráveis nos mercados internacionais.

Os produtos refinados, por seu turno, mantiveram participação residual e praticamente estável em apenas 1,6% do total exportado.

Sector não-petrolífero

As exportações não-petrolíferas representam apenas 7,9% do total, evidenciando a marginalidade persistente dos sectores diversificados. Dentro deste universo reduzido, os diamantes brutos destacam-se como principal produto, com 5,5% do total exportado, tendo ganho 1,59 pontos percentuais face a 2024.

O crescimento de 16,5% nas exportações diamantíferas resulta fundamentalmente de um aumento expressivo dos volumes (+76%), que mais do que compensou a queda acentuada dos preços internacionais (-34%). Este padrão sugere simultaneamente entrada em produção de novos projectos e possível deterioração do mix de qualidade, com implicações para a sustentabilidade futura das receitas.

As restantes categorias produtivas apresentam valores absolutamente residuais. Construções e materiais, apesar do maior ganho relativo entre as categorias menores, representam apenas 0,5% do total. Máquinas e equipamentos, bens alimentares, minérios e minerais oscilam entre 0,3% e 0,5%, configurando contribuições estatisticamente irrelevantes para as receitas externas.

Particularmente preocupante é o desempenho dos minérios e minerais: apesar dos diversos projectos anunciados para o sector mineiro, esta categoria representa apenas a oitava maior exportação, com cerca de 37 milhões de dólares, tendo registado queda de 46,1% no período. Este resultado coloca em causa a narrativa de diversificação sustentada através da mineração.

Vulnerabilidades Sistémicas

A concentração extrema da pauta exportadora expõe a economia angolana a vulnerabilidades multidimensionais. O facto de apenas três produtos - petróleo bruto, gás natural e diamantes - representarem 96,1% das exportações totais configura uma fragilidade estrutural severa.

Esta arquitectura exportadora torna o país altamente exposto a choques externos sobre os quais não detém controlo: volatilidade dos preços internacionais de *commodities*, flutuações da procura global, efeitos de sanções económicas e, crescentemente, impactos da transição energética global sobre a procura de hidrocarbonetos.

Adicionalmente, o declínio estrutural da produção petrolífera - associado ao esgotamento progressivo de campos maduros e ao investimento insuficiente em novas descobertas - estabelece uma trajetória descendente das receitas externas que não está a ser compensada pelo crescimento de sectores alternativos.

Importações:

Em contraste com a concentração extrema das exportações, a estrutura das importações evidencia maior diversidade relativa. As dez principais categorias representam 82,5% do total, estando o remanescente distribuído por múltiplas rubricas menores.

Máquinas e equipamentos consolidaram-se como principal categoria de importação, com 16,9% do total e crescimento de 16,3%, atingindo cerca de 2.968 milhões de dólares. Este padrão reflecte investimentos em infraestrutura e modernização produtiva.

Contudo, a composição das importações sugere que parte significativa destes equipamentos se destina a sectores não transaccionáveis ou fortemente dependentes da despesa pública, o que limita o seu impacto directo sobre a capacidade exportadora futura.

Os serviços de transporte ocupam a segunda posição, com 13,6% e crescimento de 8,2%, acompanhando a dinâmica da actividade comercial e logística. Os combustíveis, apesar da produção doméstica de crude, mantêm-se em terceiro lugar com 10,4%, evidenciando insuficiências persistentes na capacidade de refinação e distribuição interna.

As importações de bens alimentares, com 8,6% do total e crescimento de 8,0%, confirmam a dependência estrutural do exterior para a segurança alimentar, configurando um factor de vulnerabilidade estrutural numa economia com vasto potencial agrícola.

Implicações e desafios:

Os dados confirmam que as variações observadas em 2025 resultam fundamentalmente de factores conjunturais - preços internacionais do petróleo - combinados com constrangimentos estruturais - declínio da produção petrolífera - sem que se observe uma recomposição estrutural significativa da pauta exportadora.

A diversificação efectiva das exportações permanece um desafio não resolvido, exigindo políticas industriais activas, investimentos massivos em infraestrutura de exportação e remoção sistemática de constrangimentos à competitividade dos sectores não-petrolíferos.

Angola confronta-se, assim, com uma encruzilhada histórica: ou acelera de forma decisiva a diversificação produtiva e exportadora, ou enfrentará uma erosão progressiva - e potencialmente irreversível - da sua capacidade de geração de divisas, com consequências profundas para a estabilidade macroeconómica e o desenvolvimento socioeconómico.